

AJ23887

Pesquisa. Dados são da Organização Internacional do Trabalho

De cada cem negras empregadas no país, 22 são domésticas

Entre mulheres brancas, amarelas e indígenas, esse índice é de 13 em cada cem

SÃO PAULO

■ ■ De cada cem mulheres negras ocupadas no Brasil, aproximadamente 22 são empregadas domésticas. Nas mulheres brancas, amarelas e indígenas, o índice é de 13 a cada cem.

Os dados estão no estudo inédito divulgado ontem pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), elaborado a partir da Pnad (Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílios), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. No dia 27, comemora-se o Dia Nacional da Trabalhadora Doméstica.

Essas trabalhadoras domésticas negras estão ganhando mais registro na carteira de trabalho: 17,2% de aumento, entre 2004 e 2006. Esse movimento das negras acompanha o crescimento da formalização no setor, que foi de 10,2%, no mesmo período.

Apesar disso, somente 27,8% do total de trabalhadores domésticos têm carteira assinada, segundo dados de 2006.

MERCADO PARA MUITAS

O trabalho doméstico conta com 6,6 milhões de pessoas no Brasil. Desse total, 93,2%

são mulheres e 6,8% são homens. Ele representa 16,7% do total da ocupação feminina no Brasil, o que corresponde, em termos numéricos, a 6,2 milhões de mulheres.

Entre os não-registrados, as trabalhadoras negras correspondem a 57,5%. As mulheres não-negras são 37%. Os homens não-negros são 2,1%; e os negros somam 3,4%.

Entre as mulheres negras que são trabalhadoras domésticas, 75,6% não têm carteira assinada. Esse percentual é de 69,6% entre as mulheres não-negras. Entre os homens, o índice é de 61,9% (negros) e 54,9% (não-negros).

Segundo o documento da OIT, isso demonstra “de maneira inequívoca que, mesmo em um campo tradicionalmente feminino e em uma situação de extrema precariedade, as mulheres, e em especial as mulheres negras, seguem em situação mais desfavorável do que os homens”.

Analisando-se o período de 1995 a 2006, destaca-se ainda a diminuição da diferença de rendimentos. Em 1995, as mulheres negras recebiam o equivalente a 55,4% dos rendimentos dos homens brancos. Em 2006, essa diferença cai, apesar de continuar bastante elevada: as mulheres negras passam a receber 66,4%.

Para a OIT, isso significa que,

“mesmo em um setor ainda bastante precário do mercado de trabalho, as desigualdades de gênero e raça reproduzem a lógica do mercado de trabalho mais amplo: os homens brancos seguem tendo os maiores rendimentos, seguidos dos homens negros e, por fim, das mulheres brancas e negras, nesta ordem”.

“As mulheres, mesmo em um campo tradicionalmente feminino, seguem em situação mais desfavorável que os homens”

DOCUMENTO DA OIT

Menor nível de desemprego em seis anos

■ ■ A taxa de desemprego apurada nas seis principais regiões metropolitanas do país surpreendeu em março e recuou para 8,6%, o menor nível para meses de março desde o início da série histórica da pesquisa do IBGE, em 2002. Em fevereiro, a taxa foi de 8,7%. A formalidade prosseguiu em expansão acelerada, com mais um recorde: 8,7% de aumento no número de ocupados com carteira assinada em relação a março de 2007. Economistas esperavam alta do desemprego, que tradicionalmente registra elevação nessa época do ano.

Emprego e raça

Crescimento de registro na carteira (2004-2006)

| Homens não-negros | 5,3% |
|---------------------|-------|
| Homens negros | 11,1% |
| Mulheres não-negras | 3,5% |
| Mulheres negras | 17,2% |
| Todos os domésticos | 10,2% |